

# **ATLAS DOS NOMES QUE DIZEM HISTÓRIAS DAS CIDADES BRASILEIRAS – UM ESTUDO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DO MATO GROSSO**

KARIM, T. M.; DI RENZO, A. M.; BRESSANIN, J. A. MACEDO-KARIM, J. *Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras – Um Estudo Semântico-Enunciativo do Mato Grosso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. 275 pp.

Organizado pelos pesquisadores Taisir Mahmud Karim, Ana Maria di Renzo, Joelma Aparecida Bressanin e Jocineide Macedo Karim, o livro foi publicado em 2016 pela editora Pontes. A obra, prefaciada pela historiadora da UFMT, Elizabeth Madureira Siqueira, é composta por 14 artigos de autoria de pesquisadores/docentes e discentes da UNEMAT, UNICAMP, UFMT, UFSCar e UFMG que foram desenvolvidos a partir das atividades do Projeto de Pesquisa – Nomes Próprios: Estudos de Significação e Atlas dos Nomes que Dizem das histórias das Cidades Brasileiras. Os projetos estão ligados ao Centro de Estudos e Pesquisa em Linguagem CEPEL, às linhas de pesquisa: Estudos de Processos Discursivos e Estudos de Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, que tratam dos estudos das relações entre línguas, história e espaços urbanos enquanto constituição.

Os artigos, inscritos nas perspectivas teóricas da Semântica do Acontecimento, desenvolvida por Eduardo Guimarães e Análise de Discurso, de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, materializam um espaço de discussão permitindo um diálogo, necessário, entre História e Linguagem. Os textos conduzem o leitor/pesquisador às análises dos nomes próprios de cidades de Mato Grosso e do nome do Brasil, da Terra de Vera Cruz. Considerando os sujeitos que enunciam, as análises trazem o nome próprio como espaço material de significação em que a nomeação é, fundamentalmente, um acontecimento de linguagem.

Os autores embasam as análises não só em fontes escritas, como também trabalham a memória e a identidade a partir da nomeação de sujeitos que, em tempo e lugares díspares, redizem, reescrevem as histórias dos lugares.

As múltiplas representações das nomeações identificam, marcam, rememoram as diversas formações discursivas e ideológicas produzindo diferentes efeitos de sentido nos sujeitos que enunciam os nomes próprios das cidades. Pela perspectiva de considerar a Semântica como disciplina que trata da significação e inscrita na concepção do acontecimento enunciativo/discursivo, as análises empreendidas nos textos evidenciam as historicidades constitutivas dos nomes.

As nomeações/renomeações de cidades de Mato Grosso, analisadas ao longo de toda a obra, evidenciam os lugares de litígio enunciativo e buscam destacar os sentidos desses nomes. Não se trata apenas de um estudo histórico produzido a partir de uma investigação genealógica e pontual das nomeações, embora a obra apresente, no prefácio, um percurso histórico, que convida o leitor às pesquisas nas diversas fontes disponíveis. Trata-se de uma obra em que os analistas, pelos dispositivos teóricos, encontram um lugar de dizer que explicitam o confronto, a disputa entre línguas na nomeação/renomeação.

O primeiro artigo do livro, *Nomes de cidades de Mato Grosso: uma abordagem enunciativa*, de autoria de Luiz Francisco Dias, traz o referencial e a formação nominal como perspectivas de abordagem do nome. Considerando a ancoragem da designação nos espaços de enunciação, um nome designa algo associado à história de enunciações envolvidas nesse nome. A partir da diversidade de referenciais que sustentam a significação, Dias apresenta três modos preliminares de olhar os nomes de lugar: como o situável de um “onde”, como balizador de afetação e como ato original de criação.

O referencial, a pertinência enunciativa e a formação nominal são apresentados, ao longo do artigo, como formas de concepção do nome. Também é apresentado, na análise sobre os nomes das cidades de Mato Grosso, exemplos dos estatutos enunciativos das nomeações: o referencial religioso, como na nomeação da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade; a refundação e o referencial, exemplificados nas nomeações de Nova Lacerda e Lambari d’Oeste; o religamento, como em Querência; as homenagens, vistas em nomeações como em

Rondonópolis, além dos estatutos de acidentes geográficos, fundamento empresarial, presentes nas nomeações das cidades. O autor contribui com as pesquisas abordando a constituição dos nomes como práticas em que se evocam orientações de pertinência social.

*Terra de Vera Cruz, Brasil*, de autoria de Eduardo Guimarães, aponta que há representações nas atuais nomeações das cidades brasileiras que se mostram constantes da história. O nome de um país parece sempre ser um modo de referir-se a ele no momento em que se enuncia algo, como se o nome fosse um rótulo. Em uma análise enunciativa, Guimarães evidencia que as nomeações referidas à época do descobrimento continuam produzindo sentidos e fazendo significar os lugares de produção da enunciação. Ao analisar os nomes *Vera* e *Santa Cruz*, o autor esclarece que esse nome é, fundamentalmente, a representação do lugar *religioso-político* da coroa portuguesa, sintetizando o confronto do acontecimento e da memória, o qual constitui um acontecimento de linguagem. Ao analisar o nome *Terra do Brasil*, Guimarães apresenta o confronto de nomeações entre a coroa portuguesa e os comerciantes do pau-brasil, mostrando, também, nessa nomeação, o movimento do presente e o acionamento da memória num processo metonímico. Desse modo, o texto contribui, significativamente, para os analistas e estudiosos ao esclarecer a nomeação do Brasil é produzida por uma história de enunciações, articuladas a uma difusão de discursos vindos de lugares diferentes. *Santa Cruz* e *Brasil*, as últimas renomeações, são analisadas como lugares de significação que estão na memória dessas enunciações, reconfigurando a designação e projetando outros sentidos. O autor sintetiza que, o que produz sentido não é o étimo da palavra, mas, as enunciações em que as expressões funcionaram na história.

O texto de Taisir Mahmudo Karim, *Mato Grosso: Histórias de enunciações - o percurso do nome de um estado*, evidencia os procedimentos linguísticos que consideram os movimentos semânticos na análise da constituição de um nome. A Semântica do Acontecimento embasa a análise da expressão/nome *Mato Grosso*. Iniciando o texto com um percurso histórico do nome *Mato Grosso*, o autor analisa, minuciosamente, a formação nominal no funcionamento morfossintático e o funcionamento semântico enunciativo, considerando como se dá o agenciamento das figuras de enunciação presentes na cena enunciativa. Pela leitura do artigo, compreende-se

que o funcionamento enunciativo dos acontecimentos é construído pelas relações enunciativas que significam a história do lugar e determinam a identidade sociocultural dos mato-grossenses.

No artigo intitulado *Marcas do dizer: 1719 Sentidos do Cuyabá*, escrito por Taisir Mahmudo Karim e Jocineide Macedo Karim, os autores, pela perspectiva da Semântica do Acontecimento, analisam o funcionamento semântico-enunciativo do nome *Cuyabá*. A partir do estudo de Guimarães sobre *a formação do espaço de enunciação brasileiro*, o artigo tece, historicamente e a partir de relatos escritos, as cenas enunciativas que rememoram outras enunciações ligadas às narrativas do político/administrativo do estado. Dividido em três partes, na terceira, o artigo faz uma análise semântico-enunciativa do nome *Arraial do Cuyabá*, dando ao leitor a visibilidade de que a enunciação do nome temporaliza e traz para o presente do acontecimento o memorável que o constitui e significa. Assim, o nome passa a dar existência ao lugar, significando o novo e todas as histórias enunciativas, já ditas, que o constitui.

*Porto Esperidião: os sentidos da nomeação de uma cidade*, de Talita Nogueira, historiciza as renomeações da atual Porto Esperidião, nomeadas Registro do Jauru, Porto de Salitre e Porto Esperidião. Na primeira parte do artigo, a autora traz os conceitos da Semântica do Acontecimento e, em seguida, analisa os recortes dos registros oficiais das renomeações, permeando o texto com as análises das cenas enunciativas, as quais evidenciam uma disputa de enunciações, que movimentam sentidos que se complementam e se contradizem ao constituírem a existência histórico-política da cidade de Porto Esperidião.

Neuza Zattar, no texto intitulado, *Cáceres – nome luso que movimenta presente e passado*, apresenta-nos uma análise que inicia a partir do nome *Villa Maria do Paraguay*, passando por outros nomes e diversos eventos até a constituição da cidade de nome *Cáceres*. Reproduzindo a ata documental da Villa Maria do Paraguay, a tecitura da escrita de Zattar conduz o leitor às cenas enunciativas das disputas políticas, dos lugares de dizer, dos discursos religiosos, jurídico-administrativos que fundam uma memória de sentidos de um lugar novo, sobrepondo outros sentidos, anteriormente constituídos e estabilizados. Permeada pela historicidade dos recortes textuais, a análise conduz à percepção dos gestos de nomeação, rememorando a

presença da colonização portuguesa, construindo uma rede de sentidos, entre passado e presente, na constituição do enunciável.

*Marcas de nomeação: entre o selvagem e o urbano. Nomes que contam histórias de Poconé*, escrito por Beatriz A. Acosta F. da Cruz e Taisir Mahmudo Karim, apresenta um estudo enunciativo sobre o funcionamento designativo dos nomes que referem o município de Poconé. Em sua primeira parte, o artigo traz as concepções teóricas da Semântica do Acontecimento. Os nomes que nomearam a cidade de Poconé, analisados semântico-enunciativamente, permeiam toda a análise, levando o leitor a refletir que a enunciação do primeiro nome do município recorta como memorável o lugar de ser indígena, que mesmo “*exorcizado*” pelos colonizadores nas renomeações, permanece na significação da história enunciativa de Poconé.

O texto de Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida e Nathaline Amorim de Oliveira, *Santo Antonio de Leverger: da fundação à constituição do nome de cidade*, traz uma análise, pelos aportes teóricos da Semântica do Acontecimento e Análise de Discurso, que reflete sobre o movimento dos sentidos da primeira nomeação, *Santo Antonio do Rio Abaixo*, às marcas de linguagem que produzem o efeito de estabilizar o atual nome. Permeada pelos conceitos da AD, que considera as condições de produção do discurso e o homem na sua relação com a linguagem e a história, a análise se materializa por meios de narrativas que contam as histórias do município. As autoras dão visibilidade ao sujeito discursivo, pensado como “lugar”, “posição” no enunciado, que produz sentidos a partir de sua inscrição em uma formação discursiva. Assim, no processo de constituição da cidade, as várias discursividades dos sujeitos reverberam no processo discursivo da nomeação de *Santo Antônio do Leverger* que, pela memória discursiva, estruturada pelo esquecimento, produz seus efeitos na enunciação que renomeia a cidade.

Em *O ato de nomear e o dizer histórico de um lugar*, Edileusa Gimenes Moralis e Albano Dalla Pria, analisam a nomeação da cidade de *Alto Araguaia*, tomada como acontecimento de linguagem imbricada no funcionamento da língua, não se remetendo a um locutor, nem à centralidade do sujeito. Considerando o entrelaçamento das histórias de várias cidades de Goiás e Mato Grosso, o artigo analisa também a história de nomeação da cidade de Santa Rita do

Araguaia-GO, já que somente ao longo dos anos ocorre a separação das duas cidades, que inicialmente foram nomeadas *Colônia do Registro do Araguaya*. O texto arregimenta importantes concepções teóricas sobre o ato de nomear e traz grande contribuição ao tratar o processo de nomeação de maneira intrínseca à história dos sujeitos do dizer. Sendo a nomeação um lugar de observação, o ato de nomear é analisado como um processo de identificação social. Vale ressaltar que o texto apresenta, pela análise, a nomeação como lugar de enunciação e de observação, assim como lugar das relações de força, de conflitos históricos e ideológicos dos sujeitos enunciadores.

Wolber Sebastião Pereira, no artigo *Alta Floresta: nome de cidade de Mato Grosso*, ao apresentar as duas possíveis versões sobre a nomeação da cidade, traz o sentido metonímico à análise. Recortando memórias enunciativas de diferentes nomeações de cidades fundadas ao norte de Mato Grosso feitas à mesma época, Wolber utiliza como *corpus* os textos jurídicos que embasam sua análise morfossintática. Na análise do funcionamento semântico-enunciativo do nome *Alta Floresta*, que encerra o texto, o autor exemplifica recortes de memória de enunciados diferentes que nomeiam outras cidades, rememorando descrição, metonímia ou localização geográfica.

Em *Um nome e seus efeitos de sentido: Figueirópolis D'Oeste – MT*, Giseli Veronêz da Silva e Taisir Mahmudo Karim, analisam a nomeação visando responder a origem do nome que, ou assenta sob um referencial de homenagem ou vincula sua história enunciativa ao lugar de dizer da botânica. Para tanto, os autores não se utilizam da história marcadamente diacrônica, mas a compreendem pela significação de determinação sócio-histórica do acontecimento, estabelecendo uma temporalidade própria. Assim, a análise conta com a transversalidade da integração textual das narrativas que constroem as histórias do nome do município. Ao historicizar as nomeações, os autores apontam para os discursos que marcam as tomadas de posse de terras das regiões localizadas ao norte do Brasil. A *Marcha para o Oeste*, que buscava aumentar a densidade populacional dos núcleos urbanos já iniciados nessas regiões e “povoar” as terras interioranas, juntamente com os documentos oficiais de fundação do município, somam-se à análise, elucidando o agenciamento enunciativo, que se dá, não pela vontade ou intenção do indivíduo, mas pelo

funcionamento da língua que afeta o locutor de um lugar social de dizer.

Joelma Aparecida Bressanin e Mônica de Matos Oliveira, assinam o artigo, *Uma leitura discursiva sobre a fundação de Salto do Céu*. O discurso do fundador da cidade e o discurso jurídico que oficializa a sua criação são analisados, tomando o aporte teórico da Análise de Discurso em diálogo com a Semântica do Acontecimento. Observando a produção de sentidos em que se dá a enunciação como lugar de cruzamento de posições de sujeito, o texto aborda o percurso histórico das ocupações das regiões centro-oeste e norte do país a partir dos anos 40. Os modos como os sentidos se constroem na relação do nome com o objeto nomeado é explicitado pelas autoras ao analisarem que o discurso de João Augusto Capilé Júnior é atravessado por diferentes posições discursivas, as quais trazem à memória as conquistas do desbravador, oficializando como nome da cidade o imaginário de paraíso celeste, apagando o político e silenciando seus efeitos.

O texto de Sandra Luzia Wrobel Straub, *Estudo da nomeação das cidades que compõem a Gleba Celeste/MT: Vera, Santa Carmem, Cláudia e SINOP*, traz a memória discursiva dos migrantes desbravadores que instituíram, para um conjunto de quatro cidades fundadas a partir do projeto Gleba Celeste, três nomes femininos e um nome, diferenciado, para uma dessas cidades, que é nomeada pela sigla da empresa colonizadora. Os nomes femininos, *Vera, Carmem, Cláudia*, são analisados, pela Semântica do Acontecimento, a partir de entrevistas com os diretores da empresa colonizadora e moradores locais, além de documentos que evidenciam o confronto e disputa de sentidos. No artigo, a mulher é tomada como foco das homenagens, em um movimento de retomada e atualização de várias renomeações. A cidade de SINOP, assim como outras em Mato Grosso, evidenciam os discursos de empresários que projetaram sentidos futuristas e modernos às recém criadas cidades.

A análise que encerra o livro, *Ainda a propósito da cena da enunciação e dos ethos no manuscrito geopolítico de Ricardo Franco*, escrito por Roberto Leiser Baronas, analisa o manuscrito *Memória*, produzido em 31 de janeiro de 1800, no Forte Coimbra, Capitania de Mato Grosso, pelo Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida e Serra. O texto se apoia na Análise de Discurso, sobretudo nos trabalhos de Dominique Maingueneau. Por se tratar de um *corpus*

constituído por textos que não pertencem mais ao nosso ambiente cultural, Baronas empreende uma análise preliminar mobilizada a partir do Programa de Estatística Textual Léxico, visando compreender discursivamente o manuscrito, não o tomando pelas regularidades sistêmicas, mas, pensando o manuscrito como um conjunto de condições histórico-linguísticas, que possibilitam ao sujeito sua inscrição na língua e na história como sujeito de seu discurso. O artigo traz uma minuciosa análise do manuscrito que evidencia as distintas cenografias exploradas que dão sentido à voz do enunciador.

O livro apresenta as análises numa ordem de acontecimentos marcados pela historiografia brasileira. Das nomeações de *Brasil*, em que se observam a predominância dos discursos religiosos, passando pelos discursos das incursões colonizadoras do período Colonial, como em *Cuyabá*, às empresas “recolonizadoras” iniciadas na década de 70, como ocorre na nomeação de *SINOP*.

As contribuições trazidas pelos autores interessam não só aos pesquisadores das áreas de Linguística, Língua Portuguesa e História, mas também às pesquisas empreendidas no âmbito da Geografia, Jornalismo, Turismo entre outras. As análises contidas no *Atlas* apresentam-se como leituras recomendadas e imprescindíveis, tanto para iniciantes quanto para os analistas, não só pela beleza da escrita ou o prazer das incursões históricas, mas pelo alto valor de suas reflexões teóricas.

*Marta de Paula Vieira de Paula Vieira*

Mestranda em Letras pelo programa de Mestrado Profissional em  
Letras da UNEMAT – Cáceres.